

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

LIVRO DE SUMÁRIOS
FILOSOFIA



UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
ARQUIVO CENTRAL

N.º _____
 20413
Data 09 / 08 / 2002

DOCENTE: Sofia Miguens
DISCIPLINA: FILOSOFIA DA LINGUAGEM
ANO LECTIVO: 2001-2002

5
15(14)

08.10.01 AULA 1

Apresentação do Programa. As três partes do Programa: I. Abordagens empíricas, II. Abordagem filosófica (tendo como referência a história da filosofia analítica desde finais do século XIX até ao presente), III. Abordagens a partir da filosofia contemporânea não analítica. A centralidade da Parte II na gestão do programa, os autores e temas incontornáveis (G. Frege, B. Russell, L. Wittgenstein, W. V. Quine, a teoria dos actos de fala,...). Comentário à Bibliografia, referência a três obras orientadoras (Lycan 1999, Martinich 1990, Hale & Wright 1997). Referência a J. Branquinho & D. Murcho 2001, *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*, como obra ideal para o acompanhamento do curso.

09.10.01. AULA 2

Distinção entre abordagens empíricas e abordagens conceptuais dos problemas da linguagem. Cinco motivos de interesse do estudo da linguagem. Terminologia básica para o estudo da linguagem (Bloco de Textos nº 1): introdução de termos técnicos e localização das áreas da sua utilização (desde a neurologia e neuropsicologia até à linguística e à lógica). Afasias. Gramática, competência e performance, Conhecimento de Língua. Sintaxe, semântica e pragmática. Frases, enunciados e proposições. Uso e menção.

15.10.01 AULA 3

Recapitulação: (i) motivos do interesse do estudo da linguagem, (ii) vocabulário técnico introduzido. Ideias feitas 'desfeitas' pela revolução chomskyana: a ideia de linguagem como invenção cultural, o relativismo linguístico (primeira referência à Hipótese Sapir-Whorf), a ideia de aprendizagem da linguagem por imitação, a ideia de aprendizagem escolar da gramática. Linguagem e cérebro. As grandes divisões do cérebro: lobos frontais, temporais, occipitais, parietais. História da neurologia: frenologistas, localizacionismo, Hughlings Jackson e a ideia de localizações (organização topográfica do córtex cerebral), área de Broca, área de Wernicke. Linguagem e lateralização. Especializações funcionais (lobos frontais, temporais, parietais, occipitais). Descrição de casos clínicos de afasia de Broca e de afasia de Wernicke (leituras do Cap. 8 de Gazzaniga et alia, 1998, Bloco de Textos nº 1).

16.10.01 AULA 4

Linguagem e lateralização. Áreas de Brodmann. O cérebro ao nível neuronal e ao nível funcional. Os princípios do modelo de Wernicke-Lichtheim-Geschwind. Casos clínicos (descrições): afasia de Broca, afasia de Wernicke. A linguagem como protocolo que liga mecanismos cerebrais diferenciados (sensoriais, motores, representacionais) não sendo talhada à imagem de nenhum deles, tendo antes uma lógica própria. A revolução chomskyana e a caracterização da 'lógica própria da linguagem'. O inatismo de um 'instinto de linguagem'. Que provas existem desse inatismo? Listagem. As condições da aprendizagem da língua materna nas crianças.

22.10.01 AULA 5

Caracterização geral da linguística generativa chomskyana a partir das noções básicas de Inatismo, Modularidade, Gramática Universal e Programa. Que razões teria alguém para pensar que o instinto de linguagem é inato?

As duas chaves do poder das línguas naturais: 1) uso infinito de meios finitos, 2) arbitrariedade das associações som/significado. Em que consiste o Conhecimento de Língua? (Leituras: texto de V. Fromkin, Bloco de Textos nº1). Gramáticas descritivas e prescritivas. Características comuns a todas as línguas naturais: frases, sintagmas, categorias lexicais principais, predicação, anaforização, relativização, vogais/consoantes, prosódia.

O universalismo de Chomsky versus o relativismo da Hipótese Sapir-Whorf: exemplos históricos polémicos (o vocabulário esquimó para neve, o sexo livre em Samoa e a concepção de tempo dos Hopi).

23.10.01 AULA 6

Universalidade versus Relativismo. O que é que a hipótese chomskyana da G.U. (Gramática Universal) nos faz pensar acerca do parentesco entre as línguas naturais existentes? Famílias de línguas independentes (Mapa de Andrew Dalby, 1998, *Dictionary of Languages*). O caso do indo-europeu: reconstrução de uma proto-língua. A diferença de foco: o formalismo dos linguistas generativistas e a psicologia evolucionista. A questão acerca da origem evolutiva da linguagem num processo de evolução por selecção natural e a questão 'para que serve a linguagem' (qual é sua função). Modelos de Markov e produção de cadeias de palavras: modelos insatisfatórios para a produção de frases em línguas naturais humanas dada a estrutura de constituintes e a hierarquia. A frase nas línguas naturais: árvore, composição hierárquica (e não sequência linear de palavras). Infinitude nas línguas naturais: exemplos. Constituintes sintagmáticos de frases, categorias lexicais principais (N, V, A, Prep, Adv). Anatomia sintagmática comum às línguas humanas. Sintagma e núcleo. Princípios e Parâmetros. 'Super-regras' e G.U. A sintaxe como 'refutação' do empirismo.

A perspectiva da psicolinguística: a performance. Noção de léxico mental. Dimensão do léxico mental. Tempos de recuperação de itens do léxico. Comparação entre um dicionário exterior e um léxico mental.

29.10.01 AULA 7

Problemas de psicolinguística: como é que as palavras estão representadas / armazenadas no cérebro? O que é que conduz ao entendimento do input linguístico? O que está envolvido na iniciação de comportamento linguístico (produção de fala)? Modelos da compreensão de linguagem. Léxico mental, redes semânticas e modelos de traços lexicais (alternativas quanto à organização e ao armazenamento). Testes de prontidão semântica e experiências com nomeação. Anomia e conceitos para instrumentos, animais e pessoas – referência às investigações de Hannah Damásio. Exemplos de défices de nomeação em afasias de Wernicke e demências semânticas. Conclusão: os três níveis da representação de palavras: pré-linguístico (conceptual), lexical e fonológico (Hannah Damásio) Processamento do input linguístico: input oral e prosódia. Modelo de Oliver Selfridge para o processamento de input linguístico escrito. Pandemónio: agentes cognitivos e reconhecimento, relação com implementação neurofisiológica. Processamento de palavras: acesso lexical, selecção lexical e integração lexical. Produção da fala: modelo de Levelt. O problema filosófico levantado pelo lugar do formulador: vontade livre e iniciação.

30.10.01 AULA 8

O modelo de Willem Levelt e os problemas empíricos e filosóficos da iniciação da acção linguística. Os componentes do modelo: conceptualizador, formulador, analisador, articulador. Planeamento(s) envolvido(s) na produção de fala e no acesso lexical.

Introdução às questões conceptuais da linguagem. G. Frege e a filosofia analítica. O axioma da filosofia analítica (M. Dummett). *Begriffshrift* (1879), *Os Fundamentos da Aritmética* (1884), *Über Sinn und Bedeutung* (1892): ligações entre os três escritos. Para que serve uma 'escrita conceptual' – recapitulação de noções de Lógica (cálculo proposicional, cálculo de predicados de primeira ordem com identidade). O problema dos *Fundamentos da Aritmética*: o conceito de número. Referência ao logicismo. O número como 'predicado de segunda ordem' (exemplo intuitivo). O Princípio do Contexto: uma palavra só tem significado no âmbito de uma frase. A frase como unidade mínima, os contributos das palavras para as *condições de verdade* das

frases em que ocorrem. Importância histórica do Princípio: (1) separação entre os aspectos públicos e objectivos do conteúdo semântico e os aspectos subjectivos, imagéticos, do conteúdo psicológico (exemplos: imagens acompanhando o uso de conceitos), (2) privilégio à frase na análise semântica.

A aplicação do Princípio do Contexto à investigação do conceito de número nos *Fundamentos da Aritmética*. Introdução à questão do Nome Próprio. Caracterização de uma Teoria Referencial da Linguagem (TRL) de modo a explicar os défices de tal teoria – que características teria a linguagem de acordo com uma TRL?

05.11.01 AULA 9

Frege como marco da contemporaneidade - a forma de colocar questões filosóficas sobre a linguagem. Exemplos da história da filosofia de questões sobre a linguagem que hoje seriam consideradas ingénuas: questão acerca da significatividade natural ou convencional das palavras (*Crátilo*, Platão); questão acerca de uma hipotética origem voluntária da linguagem (Condillac). A importância da lógica formal na formulação de questões acerca da linguagem (comparação com a associação de ideias em Hume e a classificação dos juízos/categorias em Kant). Início da leitura e análise de *Über Sinn und Bedeutung* (USB) de G. Frege. O que se entende por 'Sinn' (sentido, significado), o que se entende por 'Bedeutung' (referência, algo de extra-linguístico). O motivo de USB: as frases que afirmam identidades e (ainda assim) acrescentam conhecimento. O Puzzle de Frege: 'a estrela da manhã' e 'a estrela da tarde'. Nomes Próprios e Descrições Definidas: primeiras definições.

Uma teoria da linguagem como alvo da crítica (de forma a poder ler USB como 'aquilo que a linguagem é se não funciona assim'). A Teoria Referencial do Significado: cada palavra é uma etiqueta para um objecto, ao qual se liga pela relação de Referência. Definição de Referência.

Continuação das leituras de USB. Análise dos exemplos (i) triângulo e ponto de intersecção de linhas) e (ii) telescópio pelo qual se olha para a lua.

06.11.01 AULA 10

Referência como relação directa de partes especiais da linguagem com objectos. Objectos como 'entidades saturadas'. O Puzzle de Frege: o estatuto (conteúdo cognitivo) das asserções de identidade de dois nomes diferentes de um mesmo objecto. Partes a considerar em USB: (i) Sentido e referência de termos denotativos singulares. Nomes Próprios Fregeanos. (ii) Sentido e referência de frases assertivas completas (iii) Sentido e referência de frases inseridas noutras frases (frases subordinadas).

Leituras de USB. Estrutura triádica: sinal, sentido, referência. Salvaguardas: (i) não existência de correspondência biunívoca entre sentido e referência, (ii) a existência / compreensão do sentido não assegura a referência, (iii) diferença entre discurso directo e discurso indirecto (em que as palavras não têm as suas referências habituais), (iv) diferença entre imagens idiossincráticas e sentido (exemplos). Conclusões gerais acerca do sentido e da referência de Nomes Próprios. Solução fregeana para os problemas dos nomes co-referenciais e dos nomes vazios.

Leituras de USB. Sentido e referência de frases: aplicação do esquema triádico. O *pensamento* (*Gedanke*) como sentido das frases. O *valor de verdade* como referência das frases: '...é verdadeiro' não é um predicado. O interesse pela verdade em contexto de ciência. A Lei de Leibniz. O *juízo* como trajectória de um pensamento para um valor de verdade. O Verdadeiro como referência de todas as frases verdadeiras, o Falso como valor de verdade de todas as frases falsas.

12.11.01 AULA 11

Recapitulação da estrutura de *Über Sinn und Bedeutung*. Nomes Próprios Fregeanos. Estrutura triádica da significação. Sentido e referência de frases como ponto central de USB: pensamentos

e valor de verdade. Parte 3 de USB: Sentido e referência de frases inseridas noutras frases. Exemplos de USB: análise. O que acontece ao valor de verdade das frases inseridas noutras frases. Pensamentos completos e incompletos.

Frege como 'fundador da filosofia da linguagem'. O desprezo de Frege pelas línguas naturais. A filosofia de Frege como filosofia do pensamento. Diferença entre pensamentos e objectos mentais tais como *qualia* e imagens: a essência 'transferível' do pensamento. A relação entre o trabalho de Frege como lógico e criador de uma 'escrita conceptual' e a intenção da filosofia do pensamento. Linguagens mais perfeitas do que as línguas naturais: (i) meios melhorados para exprimir pensamentos, (ii) meios cujos princípios podem ser explicitamente formulados.

Insights de Frege como filósofo da linguagem: (i) a frase como unidade essencial, (ii) a ligação íntima entre significação e verdade, (iii) o anti-psicologismo e o envolvimento da linguagem numa prática (prototípica, de asserção).

Frege como proponente da primeira semântica lógico-filosófica. A sintaxe como pré-condição da semântica. Frases atômicas, predicados, argumentos, termos singulares. Frases compostas, operadores sentenciais, quantificação. Valor semântico de termos singulares e frases atômicas. Condições para as frases complexas serem verdadeiras. O que não é polémico: a utilização dos sistemas lógicos. O que é polémico: a semântica bivalente (referência ao intuicionismo). Princípio da bivalência. O conceptualismo fregeano: nem platonismo, nem kantismo. Os conceitos como estruturas formais da realidade. Conceitos e objectos, particulares e universais, sujeitos e predicados: correspondências.

19.11.01 AULA 12

Recapitulação: Frege e a sintaxe lógica. A filosofia do pensamento e o anti-psicologismo.

Frege: relações com B. Russell, com L. Wittgenstein e com a filosofia da linguagem comum. As semelhanças (e as diferenças fundamentais) entre *A Filosofia do Atomismo Lógico* (B. Russell, 1918) e o *Tractatus* (L. Wittgenstein, 1921). Wittgenstein como 'herdeiro de Frege' (mais do que de Russell?).

B. Russell: dados biobibliográficos. Teoria russelliana das Descrições Definidas: as descrições definidas como tríades de generalizações. Os Nomes Próprios como descrições definidas disfarçadas. Os problemas (1) aparente referência a inexistentes (2) existenciais negativos (3) puzzle de Frege acerca de identidade (4) substituíbilidade.

20.11.01 AULA 13

Leitura e análise de B. Russell, *On Denoting* (1905). A 'Filosofia do Atomismo Lógico': ideias acerca de (1) superfície linguística enganadora, (2) análise lógica da linguagem, (3) correspondência entre estrutura lógica profunda e estrutura ontológica. Expressões denotativas: o que são e a razão por que são importantes no pensamento e no conhecimento. Epistemologia: *knowledge by acquaintance* e *knowledge by description*.

Origem da Teoria das Descrições Definidas: rejeição dos Sinne fregeanos e continuação da utilização da lógica fregeana. A ideia russelliana de paráfrase das descrições definidas como solução alternativa às ideias de G. Frege e de A. Meinong acerca de objectos. O ponto da teoria: diferença entre 'denotar' e 'referir'. As paráfrases russellianas como resposta aos 4 problemas (aparente referência a não existentes, existenciais negativos, puzzle fregeano acerca de identidade e substituíbilidade). Exemplos de frases e respectivas paráfrases.

Leituras de *On Denoting*. Os três puzzles (Puzzle da Identidade, Puzzle do Princípio do 3º Excluído, Puzzle da não existência da entidade descrita): (1) George IV quer saber se Walter Scott é o autor de *Waverley* (2) ou 'O actual Rei da França é calvo' ou 'O actual Rei da França não é calvo' deve ser Verdadeiro, (3) 'A diferença entre A e B não subsiste'. A resolução dos três puzzles (leituras de um texto de A. Silva Graça, Bloco de Textos nº2).

26.11.01 AULA 14

Bertrand Russell: a filosofia do atomismo lógico e a Teoria das Descrições Definidas (recapitulação da aula anterior e leitura de textos do Bloco de Textos nº2). Descrições definidas, referir e denotar. Nomes Próprios genuínos e referência.

27.11.01 AULA 15

A análise lógica da linguagem e o atomismo lógico. A ideia (lógico-ontológica e linguística) de 'simples'. A epistemologia subjacente à noção russelliana de simples: conhecimento por contacto (de particulares e universais) e conhecimento por descrição. O realismo russelliano: referência. Introdução ao estudo de Wittgenstein. Dados biobibliográficos. Origens do *Tractatus*: a influência de Frege e Russell, as questões existenciais. Os problemas dos *Tagebücher* – referência.

3.12.01. AULA 16

O enquadramento do *Tractatus*: marcos bibliográficos. Viena, *fin de siècle*: pessimismo e vanguardismo. Cambridge e a nova lógica matemática. O duplo chamamento da filosofia 'existencial' e da crítica da cultura por um lado e da nova lógica matemática de Frege e Russell por outro. A obra e a vida do Wittgenstein pós-*Tractatus*. Leituras do *Tractatus*: início. A proposição 7. Referência à interpretação ética do *Tractatus*. A metafísica dos simples, dos estados de coisas e dos factos nas proposições 1 e 2. Referência à proposição fundamental para a compreensão do estatuto do pensamento (2.1, '*Wir machen uns Bilder der Tatsachen*'). Ética e sentido da vida: leitura a partir de 6.41. A oposição à ideia de ética como 'ciência da moralidade'.

4.12.01 AULA 17

A intenção ética do *Tractatus* e o seu fundo: referência a Kierkegaard, Schopenhauer e Tolstoi. '*Wir machen uns Bilder der Tatsachen*': leitura das proposições 2 do *Tractatus* e proposta de interpretação a partir da noção de modelo (*Bild*) de H. Herz. Leituras de Janik & Toulmin (extractos de *Wittgenstein's Vienna*, Capítulo The *Tractatus* Reconsidered: an Ethical Deed, Bloco de Textos nº3). Problema: como interpretar a noção de 'Bild'.

10.12.01 AULA 18

Wittgenstein, *Tractatus*, leitura e análise. De novo a posição quanto à Ética e a teoria da proposição como *Bild*. A forma geral da proposição, a influência de Herz e a utilização dos meios de Frege/Russell para conceber a proposição como 'modelo'. A Lógica como 'andaime' do pensável: o estatuto da Lógica (transcendental, auto-suficiente, aposta à realidade como uma régua, nada está fora do espaço lógico). A filosofia como *Sprachkritik*, por oposição à produção de teorias. O sujeito, o bem e o mal. A posição da subjectividade no *Tractatus*: exclusão do sujeito-como-psicologia, o sujeito e os limites do mundo. Os limites do mundo e a ética (o bem e o mal no mundo, além dos factos). Leituras sobre o Mundo, o Pensamento, a Linguagem.

11.12.01 AULA 19

Tractatus: leituras. Problemas orientadores: (1) Qual é o estatuto da Lógica no *Tractatus*? A Lógica não é uma ciência, as proposições lógicas são vazias de conteúdo, nada é primitivo em lógica. Tabelas de verdade, tautologias e contradições: o que é que elas dizem quanto ao estatuto da Lógica. (2) Qual é o lugar da subjectividade no *Tractatus*? O eu filosófico, o sujeito que não existe, a metáfora do olho e do campo visual.

17.12.01 AULA 20

Wittgenstein: do *Tractatus* às *Investigações Filosóficas*, do modelo canónico de linguagem ao pluralismo. Da *Sprachkritik* à terapia conceptual. A crítica à concepção agostiniana de linguagem (leitura de texto de A. Zilhão, Bloco de textos nº3). Aspectos essencializantes na concepção da

linguagem e respectiva crítica. Conceitos de Jogos de Linguagem, Formas de Vida, significado como uso e semelhança de família: primeira abordagem intuitiva. Repercussões epistemológicas das críticas ao essencialismo quanto à linguagem. Pluralismo e pragmatismo. Terapia: Wittgenstein e Freud. Será que a terapia conceptual deixa os factos na mesma?

18.12.01 AULA 21

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*, leituras (Prólogo, jogos de linguagem, jogos de linguagem primitivos, 'caixa de ferramentas', 'cidade'). A. Melo (Bloco de Textos nº3): a noção de Jogos de linguagem, leitura e comentário.

07.01.02 AULA 22

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*: leituras em busca de resposta às questões 'qual é a natureza da linguagem?', 'qual é a natureza do pensamento?', 'qual é a natureza da actividade filosófica?'. Dificuldade: a ideia wittgensteiniana segundo a qual em filosofia não há teses. 'Terapêutica' e 'Gramática'. Hipóteses acerca das 'teses' defendidas nas *Investigações* quanto às questões acima referidas: o anti-essencialismo, o pragmatismo, o pluralismo, a rejeição de uma concepção idealizante e única de linguagem, o afastamento do solipsismo e do cepticismo, o exteriorismo. O Argumento da Linguagem Privada: o que está em jogo? Leituras: a natureza da Filosofia. O estatuto e natureza da Lógica.

08.01.02 AULA 23

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*: continuação das leituras. Natureza da actividade filosófica: terapia e gramática. Natureza da Lógica. Abdicação da visão idealizante e essencializante acerca da natureza da linguagem. Compreensão. Seguir-regras.

14.01.02 AULA 24

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*: o que é compreender. Da gramática de 'compreender' à gramática de 'seguir-uma-regra' (questões acerca de exteriorismo/interiorismo). O Argumento da Linguagem Privada: início da leitura dos Parágrafos 243-315. Ideia de linguagem privada. Problema dos 'critérios de correcção'.

15.01.02 AULA 25

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*: o Argumento da Linguagem Privada. Referência às ininterpretações de S. Kripke em *Wittgenstein on Rules and Private Language* (1982). O 'argumento céptico' acerca de regras e a solução céptica. O problema das outras mentes no âmbito do Argumento da Linguagem Privada.

21.01.02 AULA 26

Wittgenstein, *Investigações*: recapitulação do Argumento da Linguagem Privada (a conclusão do argumento, os passos que conduzem à conclusão, definições ostensivas numa linguagem para sensações, critérios de correcção). Rejeição da teoria empirista do que é significar (*to mean*), rejeição da teoria empirista da mente/consciência, afastamento do solipsismo e do cepticismo. Resumo do Argumento da Linguagem Privada segundo S. Kripke (paradoxo céptico, solução céptica). O que é o pensamento? O que é o mundo? (pragmatismo e pluralismo).



2º SEMESTRE

25. 02. 02 AULA 27

O que aconteceu à filosofia depois de Wittgenstein? Diferentes direcções: (i) a filosofia linguística ou filosofia da linguagem comum de Oxford versus (ii) Quine.

Referência à obra de E. Gellner (*Words and Things, An Examination on and Attack of, Linguistic Philosophy*, 1959): as influências perniciosas do wittgensteinianismo na filosofia. Enumeração de algumas consequências do wittgensteinianismo na filosofia linguística. A pragmática linguístico-filosófica: John Austin, John Searle e Paul Grice. Localização das respectivas contribuições. Breve apresentação de John Austin. Asserções e performativos. Actos de fala: dimensões locutória, ilocutória e perlocutória. Início da leitura de '*Performative Utterances*' (Bloco de Textos nº4)

26. 02. 02 AULA 28

Conclusão da leitura de John Austin 1961, '*Performative Utterances*'.

04.03.02 AULA 29

A contribuição de John Searle para a teoria dos actos de fala. Início da leitura de John Searle 1965, *Speech Acts*.

05.03.02 AULA 30

Leitura de John Searle 1965, *Speech Acts*.

11.03.02 AULA 31

Conclusão da leitura de John Searle, *Speech Acts*. A referência de Searle a Grice na formulação da teoria dos actos de fala. A teoria griceana do significado, algumas definições: *utterer's meaning* (significado do enunciador), máximas conversacionais, implicaturas conversacionais. A utilidade de tais noções no estudo pragmático de linguagens. Análise de exemplos. Referência a Paul Grice 1957, *Meaning* e à definição de significado apresentada.

12.03.02 AULA 32

John Searle e a taxinomia dos actos ilocutórios (texto de M. Gomes, Bloco de Textos nº4)

18.03.02 AULA 33

Introdução a W. V. Quine. Problema em foco: teoria da linguagem e ontologia. Quine e o espírito da filosofia americana contemporânea. Sobre Quine: alguma bibliografia (referência às colectâneas Barrett & Gibson 1990 e Hahn & Schilpp, 1998, 2ª ed.)

19.03.02 AULA 34

Dados biográficos de W. V. Quine: estudos, doutoramento (matemática, lógica, a influência da ideia russelliana de uma 'filosofia matemática', Whitehead). Vinda à Europa (anos 30): o Círculo de Viena e especialmente R. Carnap (o 'mestre'), Praga e Varsóvia ('os meses intelectualmente mais produtivos da minha vida'). 'Wanderlust' e carreira.

08.04.02 AULA AULA 35

Leitura de W. V. Quine, *Cinco Marcos do Empirismo* (Bloco de Textos nº5): a situação, feita pelo próprio Quine, da sua obra na história do empirismo. Início da leitura de *On What There is* (Bloco de Textos nº5).

09.04.02 AULA AULA 36

W. V. Quine, *Relatividade Ontológica* (Bloco de Textos nº5) e *Two Dogmas of Empiricism*: alguns pontos fundamentais para a compreensão de *On What There is*. Recapitulação do pano de fundo epistemológico das teses acerca de ontologia defendidas em *On What There is*: as consequências do 'espírito naturalista em epistemologia' no estudo da linguagem (1. Ataque ao Mito do Museu, 2. Eliminação dos significados, Indeterminação da tradução). Discussão de exemplos da ideia de indeterminação da tradução, especialmente do exemplo "gavagai" (*Word and Object*, 1960). Resumo da leitura de *On What There Is* já realizada: formulação do problema ontológico, desacordo acerca de casos, problema dos possíveis não realizados, tratamento russelliano dos termos singulares, transferência da carga de referência objectiva para as variáveis ligadas, tratamento dos termos universais, relação universais-sentidos (*meanings*).

15.04.02 AULA 37

Conclusão da leitura de Quine, *On What There Is*. Paralelo entre a discussão medieval acerca de universais (realismo, conceptualismo, nominalismo) com as posições defendidas na 'moderna filosofia da matemática'. A opção de Quine pelo formalismo/ nominalismo. Resumo dos principais passos do texto. As nuances da posição de Quine quanto à ontologia: o 'eliminativismo', o critério do compromisso ontológico ('ser é ser o valor de uma variável ligada'), os factores (estéticos? De utilidade?) que determinam a última palavra quanto à natureza daquilo que há (a escolha de uma ontologia a par com a escolha de uma teoria científica). Fisicalismo versus fenomenalismo: que razões para a escolha?

16.04.02 AULA 38

D. Davidson: alguns dados biográficos, referências a 'Essays on Actions and Events' (1980) e 'Inquiries into Truth and Interpretation' (1984). O conceito de acção. Intencionalidade: noção aplicada a sequência de eventos 'sob uma determinada' descrição. A possibilidade de mais do que uma descrição intencional dos mesmos eventos. O argumento anti-wittgensteiniano (acerca de razões e causas na explicação de acção) em '*Actions Reasons and Causes*' (1963). O prolongamento das teses defendidas em Davidson 1963 nas teses ontológicas (monismo anómalo, superveniência) defendidas em '*Mental Events*' (1970). Os três princípios para a compreensão do monismo anómalo.

22.04.02 AULA 39

Donald Davidson: mapa de teses em teoria da acção, ontologia, filosofia da linguagem, epistemologia, teoria da natureza do pensamento. Referência aos principais artigos correspondentes aos temas mapeados. A filosofia da linguagem: 1. significado e verdade, 2. interpretação radical. O que está em causa quando se fala de interpretação radical.

23.04.02 AULA 40

Donald Davidson, uso da teoria tarskiana da verdade na filosofia da linguagem, a interpretação radical. Introdução ao estudo da metáfora tendo como pontos de referência G. Lakoff & M. Johnson, *Metaphors We Live By* (1980) e Aristóteles (*Poética, Retórica*). Exemplos de metáforas. Metáforas vivas e mortas. Uma definição pragmática de metáfora: acto de fala indirecto. Aristóteles: definição de metáfora, classificação de metáforas.

29.04.02 AULA 41

Metaphors We Live By (Lakoff & Johnson 1980): teses básicas. Tipos de metáforas. Referência à teoria derridiana da metáfora.

30.04.02 AULA 42

A metáfora: processo semiótico ou mapeamento de um esquema de imagem? Da teoria cognitiva de Lakoff & Johnson à teoria semiótica da metáfora (U. Eco).

13.05.02 AULA 43

U. Eco, a teoria semiótica da metáfora ('fenómeno de enciclopédia no contexto da semiose ilimitada envolvendo um processo de abdução'). O uso dos conceitos peircianos de semiose, interpretante e abdução na teoria semiótica da metáfora. Metáfora e pragmática: referências às teses de John Searle (*Metaphor*). Donald Davidson, referência à tese nuclear de *What Metaphors Mean* (1979, Bloco de Textos nº6). Paul Ricoeur e a teoria da metáfora-discurso no seio de uma filosofia hermenêutica.

14.05.02 AULA 44

Teoria da metáfora: de novo P. Ricoeur (*A Metáfora Viva*). Confronto entre as várias teorias da metáfora apresentadas, localização do seu âmbito.

20.05.02 AULA 45

A teoria da linguagem na filosofia contemporânea não analítica: Heidegger, Foucault, Derrida e Habermas. Heidegger: linguagem e hermenêutica existencial, linguagem e ser. Foucault: uma perspectiva nietzscheana sobre a história das ciências humanas (arqueologia, genealogia e análise das formações discursivas). Derrida e a linguagem: gramatologia, escrita e desconstrução. Habermas e o projecto de 'recuperação da Modernidade' com base numa teoria da linguagem: a teoria da acção comunicacional. A pragmática universal e os seus prolongamentos éticos e políticos.

Apresentação de trabalhos pelos alunos: Heidegger e a linguagem (o 1º e o 2º Heidegger). Habermas e a linguagem.

21.05.02 AULA 46

A posição da linguagem nas obras de Heidegger, Foucault, Derrida, Habermas. Revisões

04.06.02 AULA 47 (aula extra)

Revisões.



